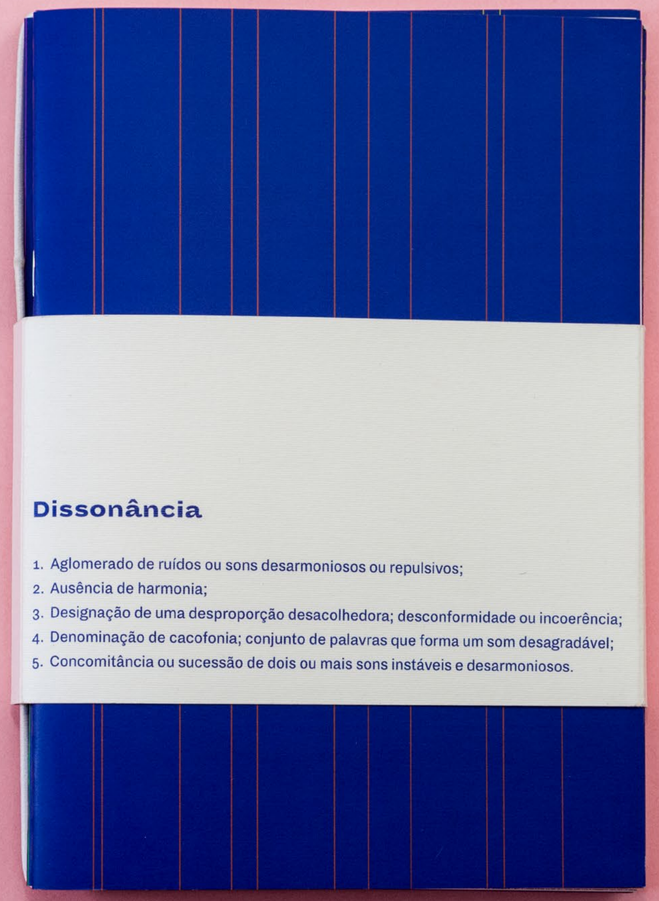
Melyna Souza

Portfólio 2020



Dissonância

Trabalho de conclusão de curso (2018)

Selecionado na 13ª Bienal Brasileira de Design Gráfico

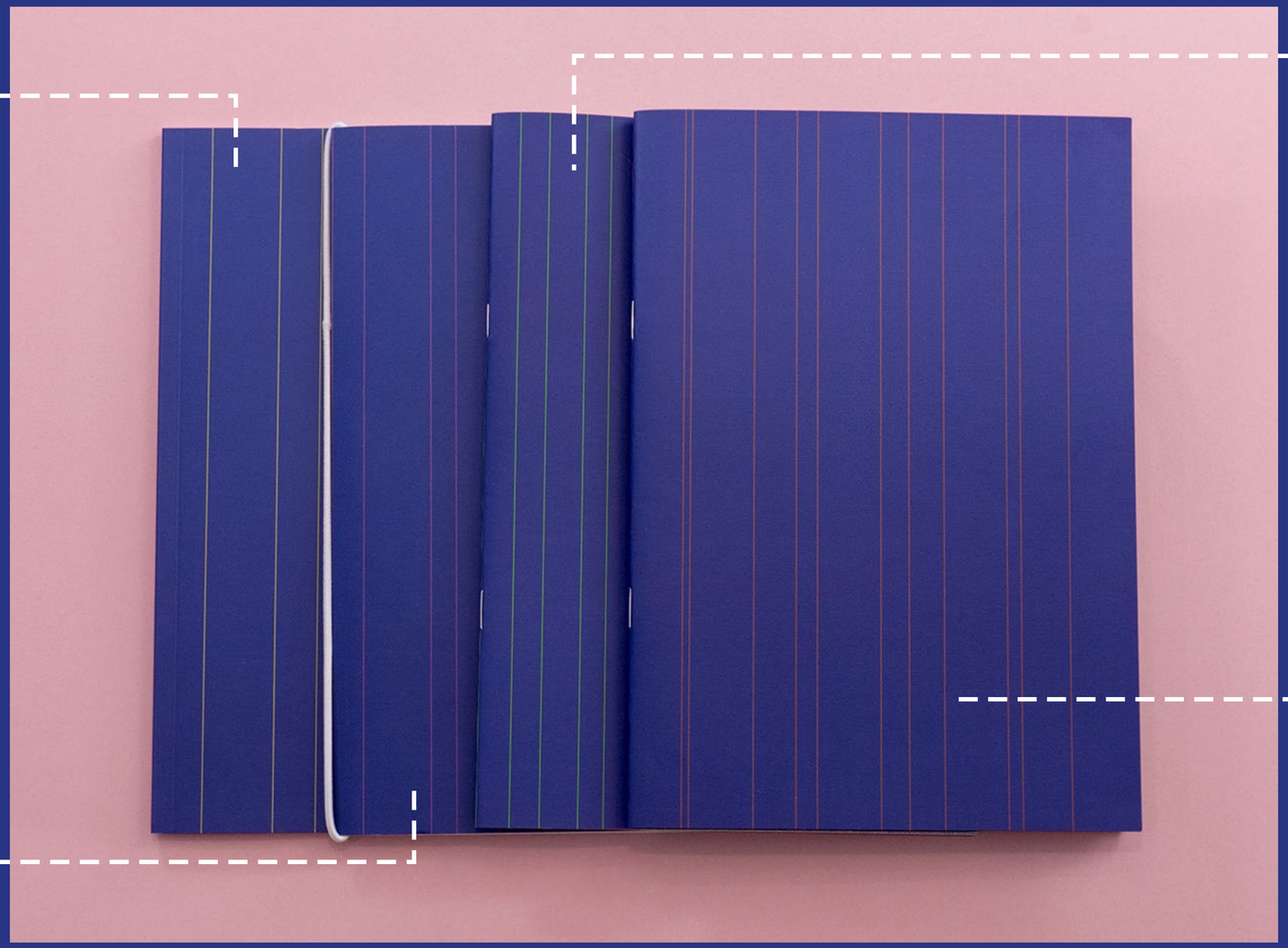
Dissonância é um experimento editorial composto por quatro livretos ilegíveis de formas diferentes, que explora as possíveis interpretações de dissonância como conteúdo, linguagem visual e eixo conceitual do projeto.

Se dissonância não é uma qualidade, mas sim uma relação entre dois elementos, como é possível materializar num objeto uma propriedade que não pode ser inerente a ele?

Quatro livretos diferentes—nomeados díssonos—que compartilham visualmente apenas o formato e as capas, pensados a partir das razões matemáticas equivalentes a intervalos dissonantes da música ocidental.

Fisicamente ilegível

Tipograficamente ilegível



Idiomaticamente ilegível

Sintaticamente ilegível

O díssono tipograficamente ilegível

A ilegibilidade é explorada tipograficamente pelo rompimento com a estrutura básica do texto—seus caracteres—através de distorções tipográficas diferentes. Neste díssono, foram selecionados dois trechos de “A Teoria do Romance”, do crítico e estudioso literário György Lukács, em que Lukács discorre sobre a dissonância das formas literárias na produção artística moderna. Dois trechos específicos do livro foram selecionados, um para cada página das duplas.

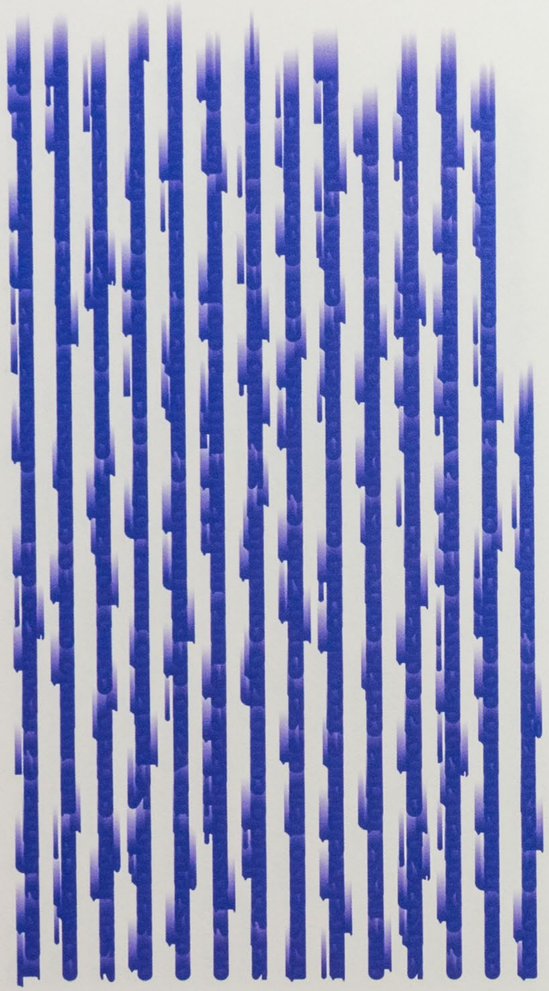
Os trechos se repetem por todas as duplas do livreto, porém cada vez distorcidos de formas diferentes, seja na dimensão do paragráfo ou de suas letras.

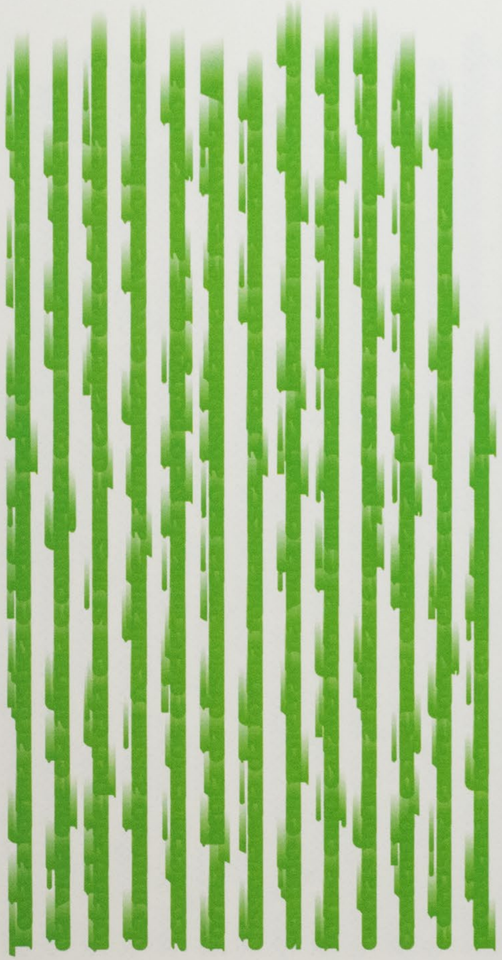
Toda a forma é a resolução de uma dissonância fundamental da existência, um mínimo último de um sentido para a vida, um lugar correto, como portador, como condição necessária do sentido. Se portanto numa forma o cúmulo do contrassenso, a desagregação na vazia profundidade das estéticas anseios humanos, ou a possibilidade de uma unidade última do movimento tem de ser acolhido como fato condutor, se aquilo que é em si um contrassenso tem de ser explicado à maneira, e em decorrência inapelável, enterrado como existente, então é possível que nossa forma certas correntes desemboquem no mar da satisfação, embora o desaparecimento dos objetivos evidentes e da resolução última da vida tenham de ser pressupostos como fundamento do edifício, como a priori constitutivo de todos os personagens e acontecimentos.

Toda a forma artística é definida pela dissonância metafísica da vida que ela afirma e consegue como fundamento de uma forma vital perfeita em si mesma, na qual é vista de maneira assim resultante, a atmosfera envolvendo homens e acontecimentos é determinada pelo porque, ameaçando a forma, irrompe a dissonância não adequadamente resolvida. A dissonância da forma torna necessária a recusa da imanência do sentido em penetrar na vida empírica, levanta um problema de forma cujo caráter formal é muito mais dissimulado que o das outras formas artísticas, que, por ser a aparência mesmo de conteúdo, exige uma colaboração talvez ainda mais explícita e decisiva entre forças éticas e estéticas do que no caso dos problemas formais evidentemente puros.

um mundo onde o contrassenso parece
correto como portador como condição
se portanto numa forma o cumulo do
no vazio de profundo se autenticos ans
bilidade de uma nulidade ultimado hor
como fato condutor, se aquilo que re
temrdeser explicado e analisado e em
mente reconhecido como existente em
forma certas correntes desembocuem
embora o desaparecimento dos objetive
entação decisiva de toda a vida tem hamud

resultante a atmosfera envolv
se determinada pelo perigo que
da dissonância não absolutament
a forma aromamesca, a necessidade
netrar na vida empírica levantal
ra teoria formal e muito mais dissim
artísticas e que por ser na aparec
exigem uma colaboração talvez ainda m
ge uma colaboração talvez ainda
ritérios éticas e estéticas do que n





O díssono fisicamente ilegível

O conteúdo deste díssono é composto por duas dimensões da obra de Arnold Schoenberg: o ensaio "A Emancipação da Dissonância", de 1926, e composições de seu famoso melodrama Pierrot Lunaire, um ciclo composto por vinte e um poemas dividos em três partes.

O projeto gráfico explora a estrutura física do livreto como uma maneira de impedir que o leitor acesse o conteúdo. Sua encadernação é configurada pelo uso da dobra francesa, técnica em que as folhas são dobradas e unidas pelas suas bordas. Dessa forma, temos a parte interna da folha onde o texto se situa, visível apenas pelas aberturas superiores e inferiores da página, e a parte externa, suas páginas verdadeiramente visíveis, ilustradas por representações visuais das músicas selecionadas, geradas através do Processing.

díssono

a emancipação da dissonância

a. schoenberg

sobre como a sucessão de harmonias
jada, às vezes até levando as coisas
só usar harmonias cuja relação com
acessibilidade" a ela (ainda mais
nvenção) fosse fácil de apreender,
de acordes vagantes (como
nia)—fenômenos cujo
biguidade—ampli

O díssono idiomaticamente ilegível

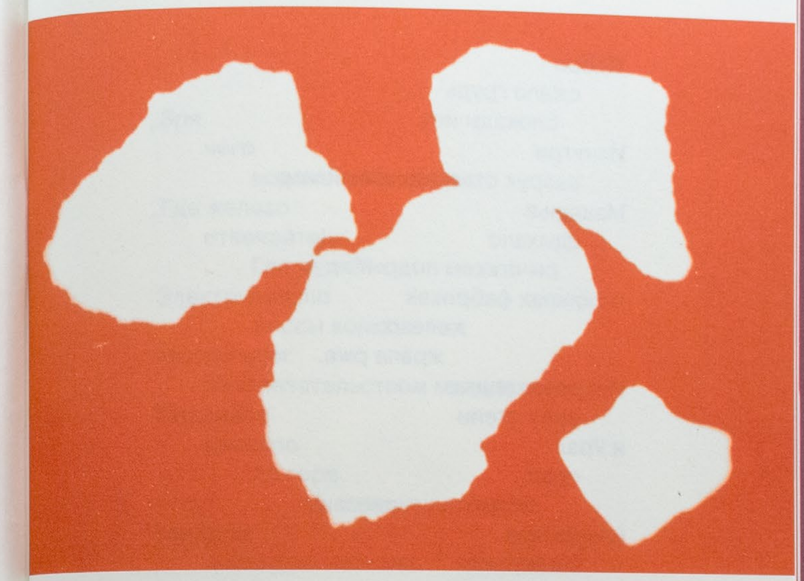
Este díssono apresenta um poema escrito por Maiakóvski em homenagem aos mineradores de Kursk. Os versos empregam a dissonância fonética como recurso expressivo, através de consoantes que se chocam, formando sons desagradáveis.

O poema está no original em russo, demonstrando que a legibilidade de um texto depende do contexto onde ele está inserido. Não é possível compreendê-lo nem reconhecer suas letras, pois a língua russa não é escrita através do alfabeto latino. No original mantém-se também a propriedade poética da dissonância.

O livreto é ilustrado por fotogramas feitos com pedras e cristais, em alusão à temática do poema, que geram um contraste visível entre opaco e translúcido.

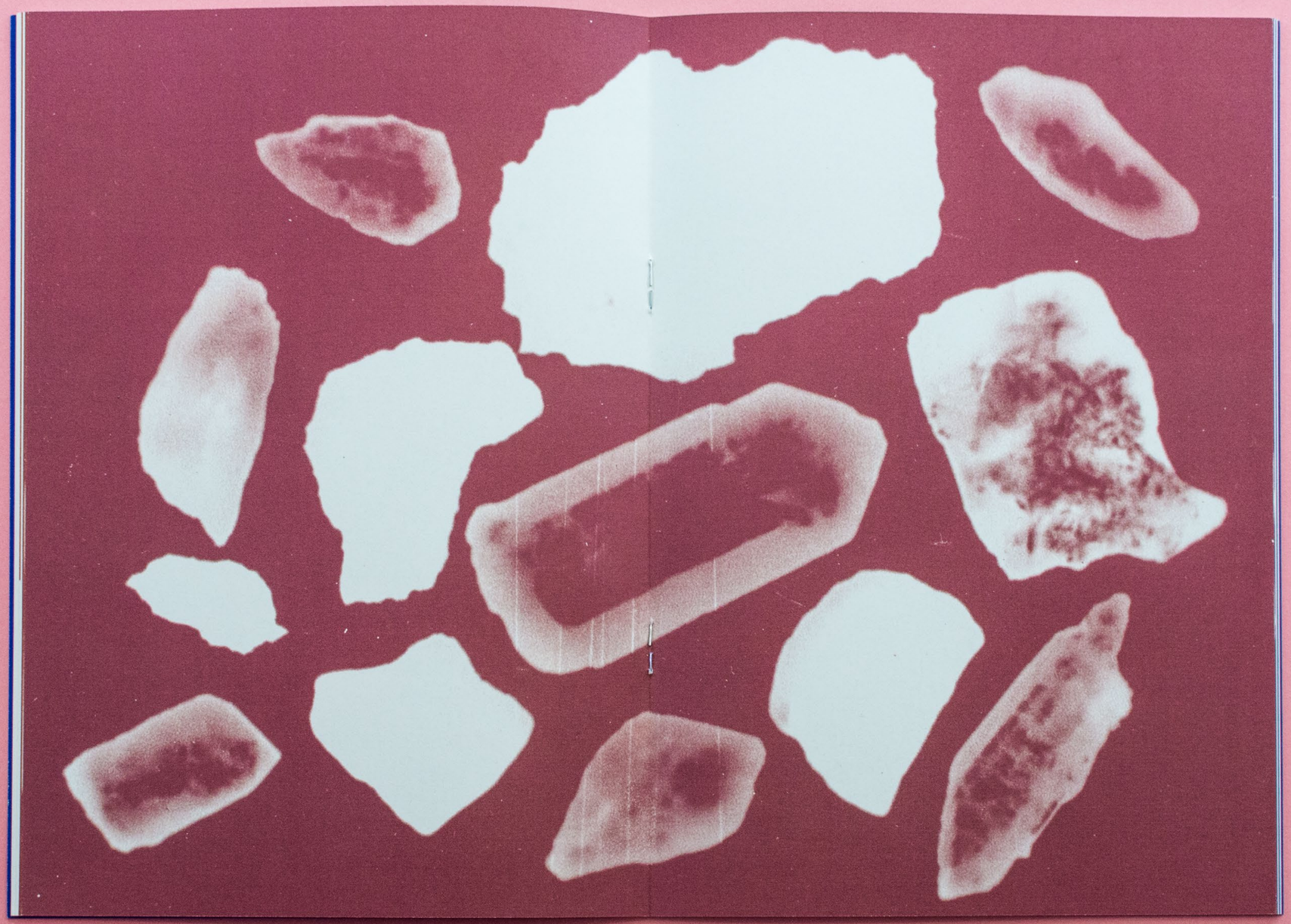
Я о тех,
кто не слыхал
про греков
в драках,—
кто
не читал
про Муциев Сцевол,—
кто не знает,
чем замечательны Гракхи,—
кто просто работает—
грядущего вол.

Мы митинговали.
Словопадов струи,
пузыри идеи—
мир сразить во сколько.
А на деле—
обломались
ручки у кастрюли,
Было бреемся
стеклом осколком.
А на деле—
у подметок дырки;—
без гвоздя
слюной
клеить— впустую!
Дырку
не посадите в Бутырки,
а однако
дырки протестуют.

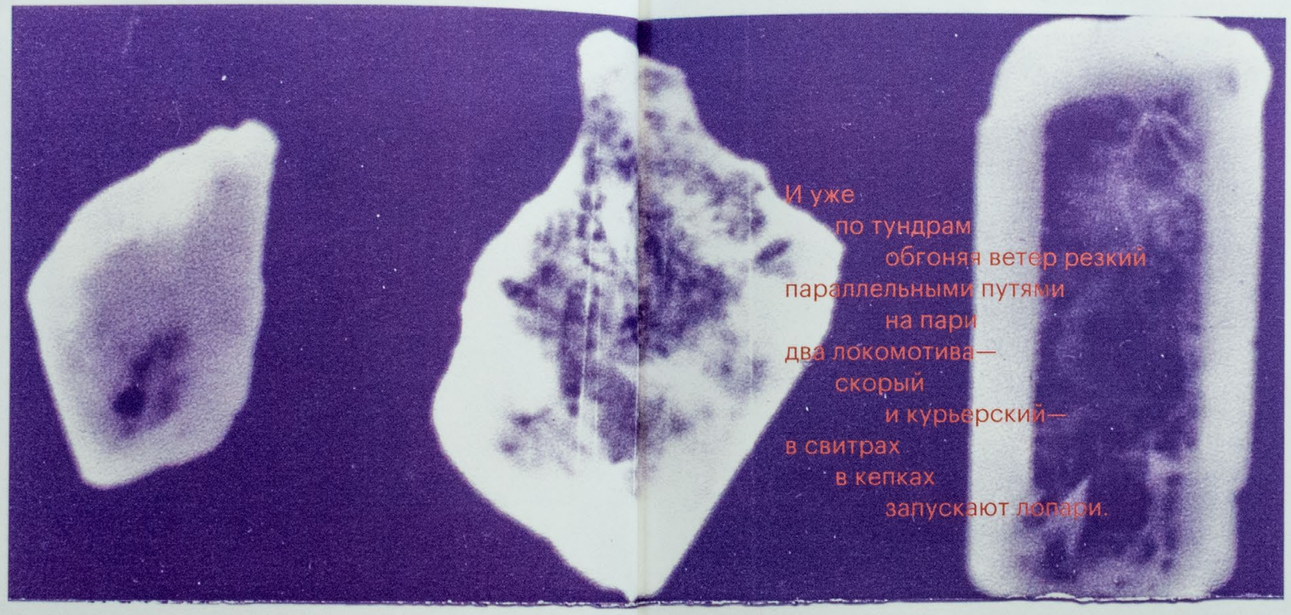


„Кто был ничем тот станет всем!"
Станет.
А на деле—
как фелахи
неизвестно чем
распахиваем земь.
Шторы
пиджаками
на плечи надели.

о которых
рапорта
не дал
и первый таборник,—
залегли
железные пласты.
Будущих времен
машинный гул



Лентами
авто и паровозы—
в главный.
С верфей
с верстовых
соскальзывают в воды
корабли
надводных
и подводных плаваний.



И уже
по тундрам
обгоняя ветер резкий
параллельными путями
на пари
два локомотива—
скорый
и курьерский—
в свитрах
в кепках
запускают лопари.

Ну и слава богу!
Но за то:—
На бороды дымов
на тело гулов
не покусится
никакой Меркулов.
Трем Андреевым,
всему академическому скопу
копошащемуся
у писателей в усах
никогда
не вылепить
ваш красный корпус
заводские корпуса.
Вас
не будут звать:—
„железо бросьте,
выверните,
на спину
глаза,
возвращайтесь
вспять
к слоновой кости
к мамонту
к Островскому
назад".

O díssono sintaticamente ilegível

Foram recortados diferentes trechos de cinco ensaios do crítico formalista Viktor Shklovsky, que foram unidos em uma mancha de texto uniforme. O livreto é totalmente legível mas seu conteúdo não é compreensível, já que é apenas uma colagem de vários textos diferentes. A mancha de texto ocupa somente metade da página, uma decisão estreitamente ligada ao papel transparente, que possibilita visualizar o acúmulo das manchas quando o livreto está fechado.

As folhas possuem cortes lineares que formam encaixes que permitem que as páginas sejam reordenadas da forma que o leitor decidir. Sem costura, as páginas do livreto são unidas à capa através de um elástico.

Em todo o caso, o pensamento por imagens não é o vínculo que une todas as disciplinas da arte, mesmo da arte literária; a mudança das imagens não constitui a essência do desenvolvimento poético†. O mundo do *ostranenie* é o mundo da revolução. A arte experimenta as possibilidades do mundo usando as coincidências do mundo, as obras de arte não fizeram nada a não ser trocar de roupa e confrontar a si mesmas. Os epítetos sinestésicos que, por exemplo, definem conceitos auditivos por meio de visuais ou vice-versa, são comparáveis às imagens—em outras palavras, *ostranenie*, isto é, o mundo colocado sobre uma base diferente. Examinando a língua poética tanto nas suas constituintes fonéticas e léxicas como na disposição das palavras e nas construções semânticas constituídas por estas palavras,‡ devemos manter em mente que histórias cujos

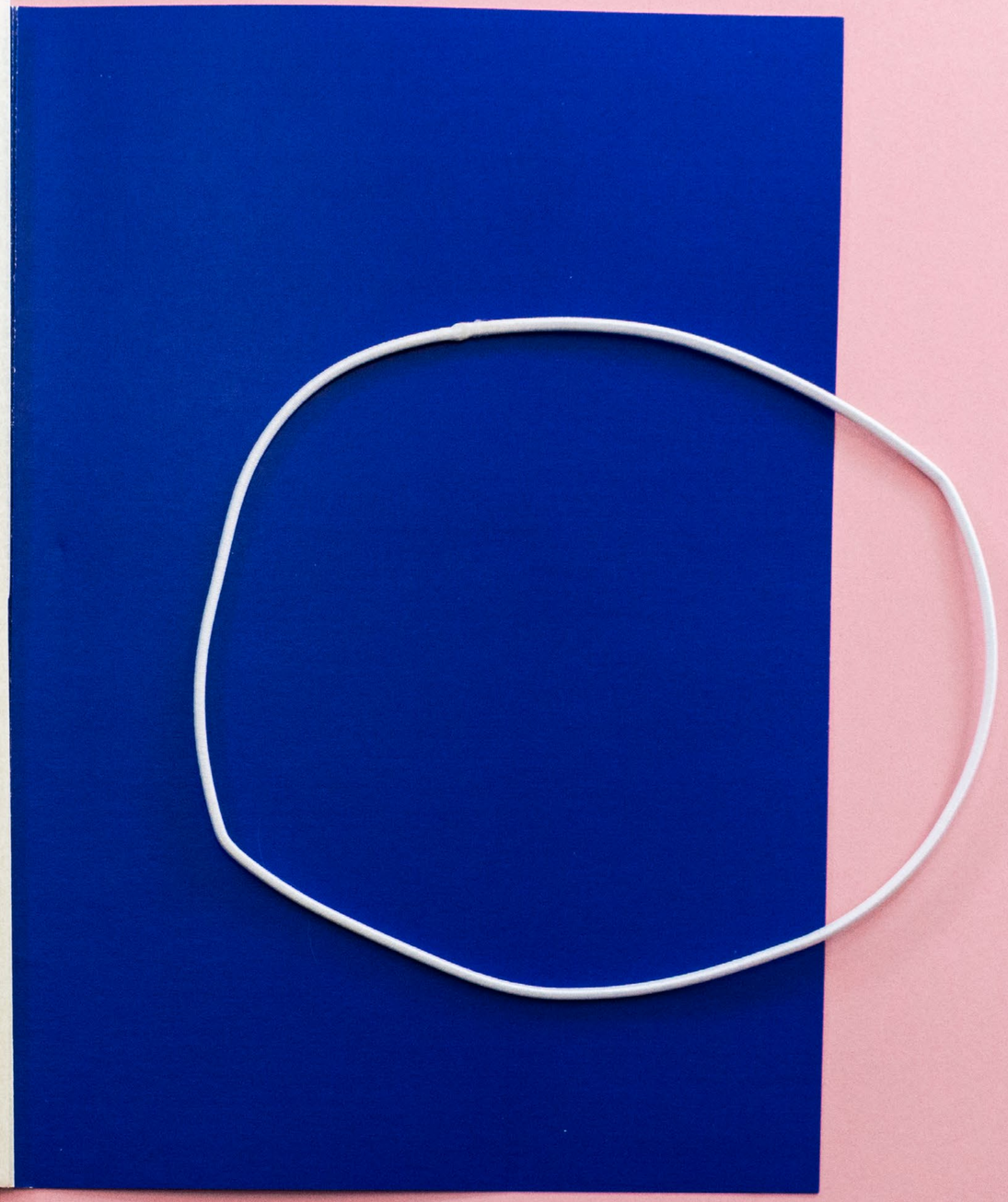
† A ideia da economia de energia como lei e objetivo da criação é talvez verdadeira no caso particular da linguagem, ou seja, na língua cotidiana; estas mesmas idéias foram estendidas à língua poética, devido ao não reconhecimento da diferença que opõe as leis da língua cotidiana às da língua poética.

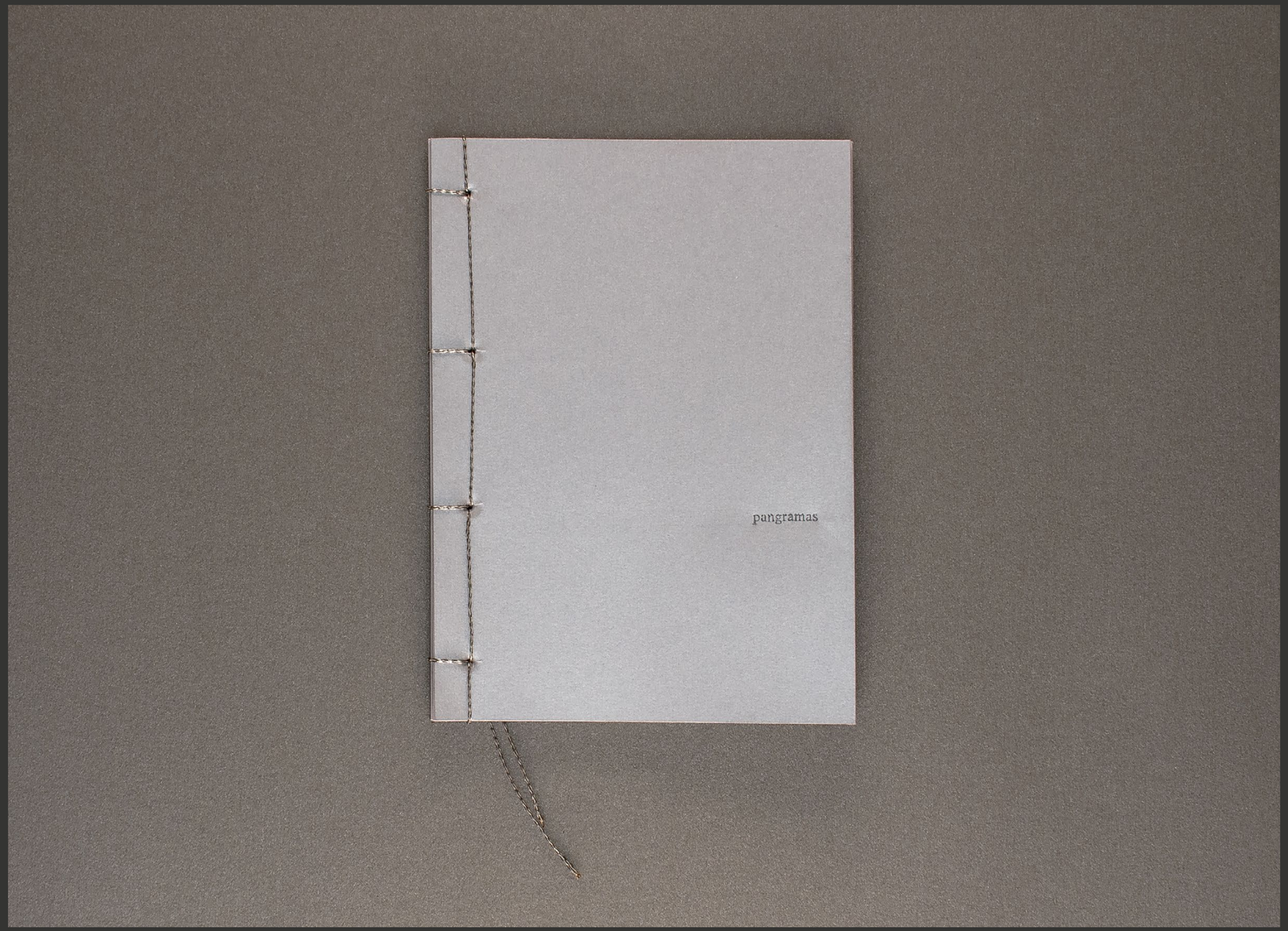
‡ Em outras palavras, a diferença entre o nosso ponto de vista e o de Potebnia pode ser formulado assim: a imagem não é um predicado constante para sujeitos variáveis.

† Mas a definição: "A arte é pensar por imagens", definição que, depois de notórias equações das quais omitirei os elos intermediários resultou: "A arte é antes de tudo criadora de símbolos", esta definição resistiu e sobreviveu à derrocada da teoria sobre a qual estava fundada. Ela vive mais intensamente na corrente simbolista e sobretudo entre os seus teóricos.

‡ Houve tentativas para sistematizar estas violações. Elas representam a tarefa atual da teoria do ritmo. Podemos pensar que esta sistematização não terá sucesso. Com efeito, não se trata de um ritmo complexo, mas de uma violação do ritmo, de uma violação tal, que não podemos prever; se esta violação tornar-se regra, perderá a força que tinha como procedimento de obstáculo.

a imagem é normalmente expandida pela descrição do objeto substituído. O discurso poético é um discurso elaborado. A prosa permanece um discurso ordinário, econômico, fácil, correto. Os caminhos da nova arte foram apenas levemente traçados. Não os teóricos, mas os artistas serão os primeiros a percorrer esses caminhos.† *Ostranenie* não é apenas uma nova maneira de ver; é também o sonho de um novo mundo, ensolarado apenas porque é novo. Chamaremos objeto estético, no sentido próprio da palavra, os objetos criados através de procedimentos particulares, cujo objetivo é assegurar para estes objetos uma percepção estética. A imagem poética é um dos meios de criar uma impressão máxima.‡ Mas, ao mesmo tempo, nos estratos mais baixos, novas formas de arte são criadas em vez das antigas, não apenas os fenômenos mudam; seus significados também.





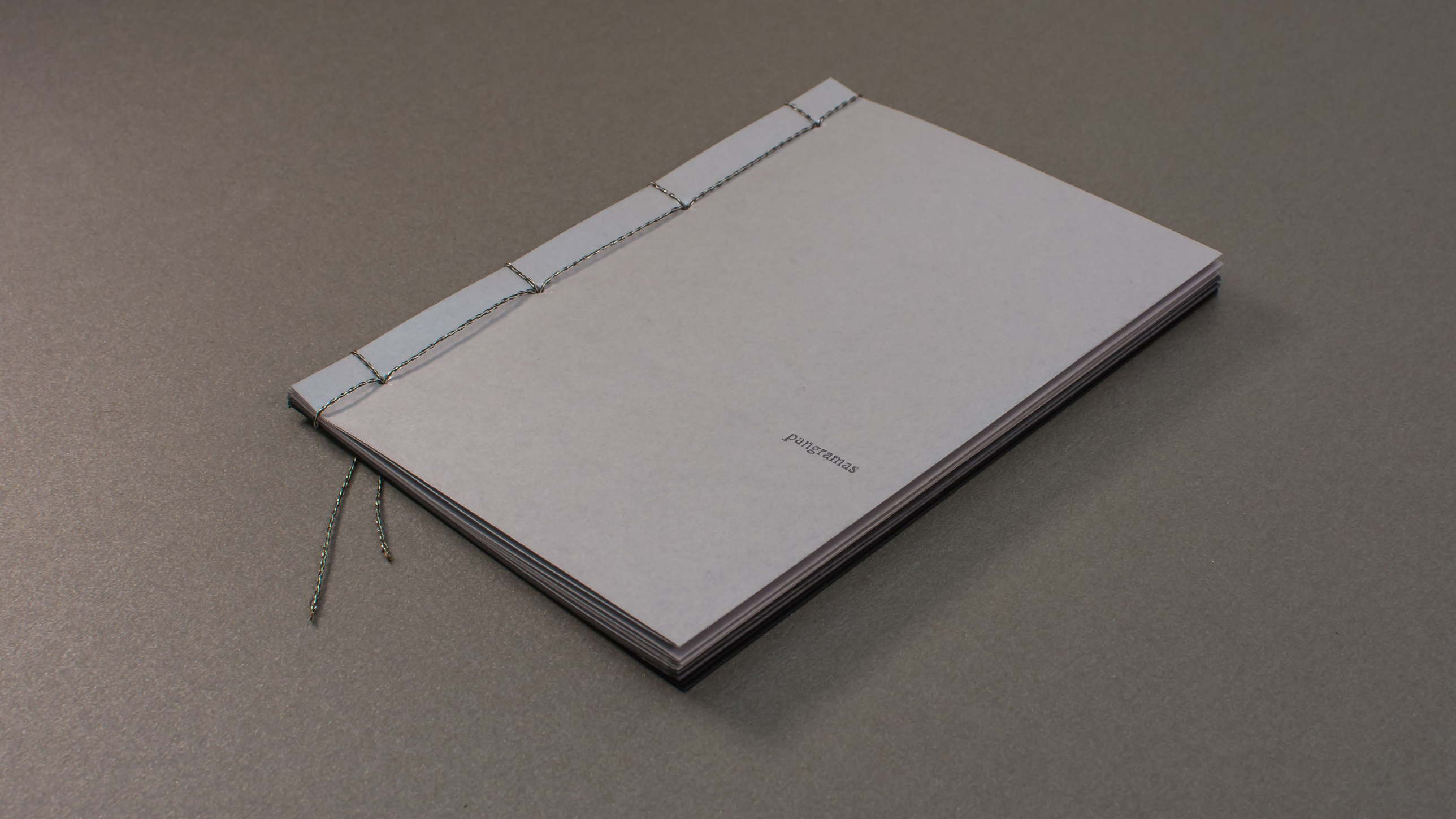
Pangramas

Projeto pessoal (2019)

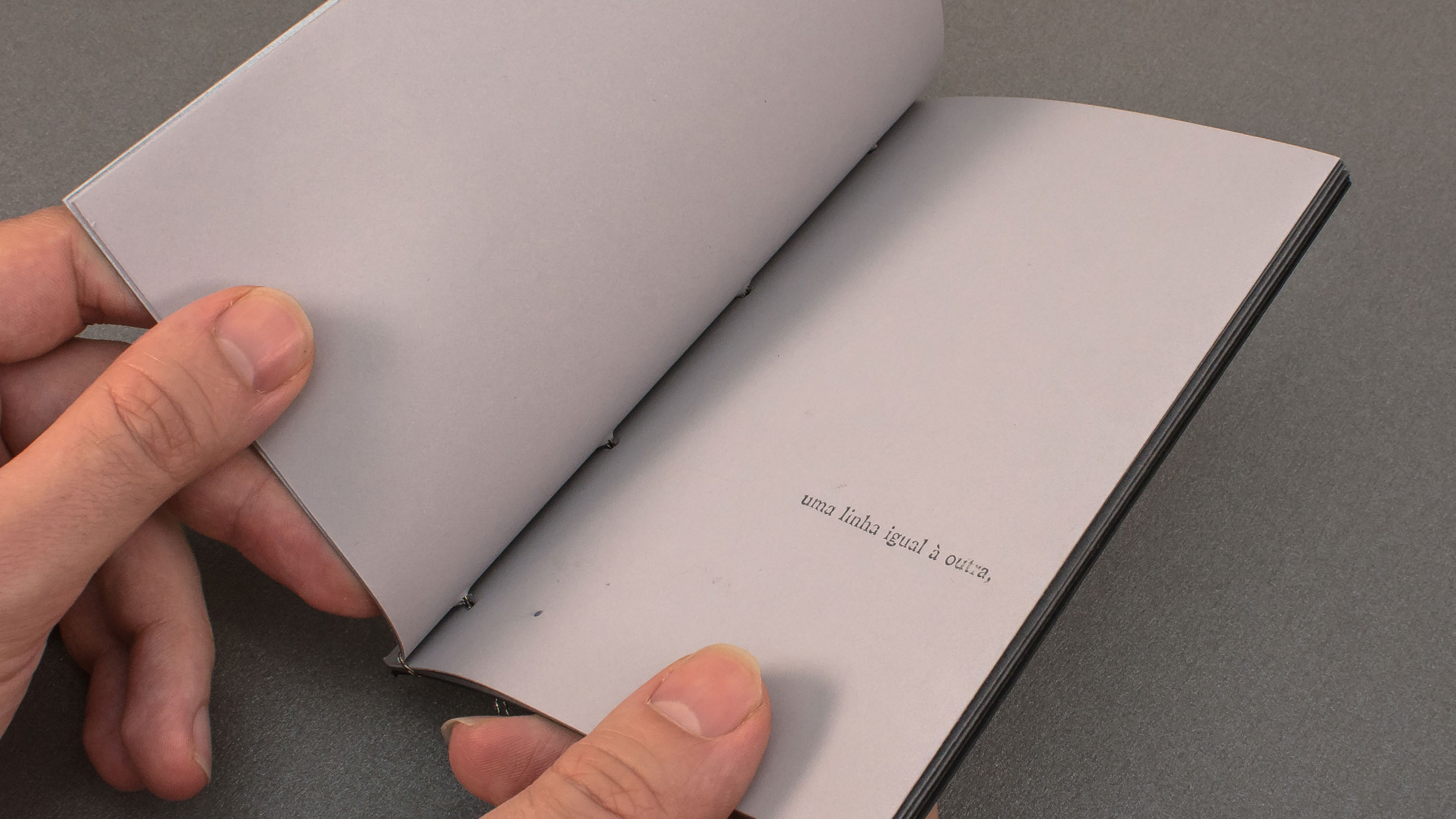
Pangramas é um pequeno livro-poema com apenas uma linha por página.

Todas as linhas foram fundidas numa máquina Linotipo. A cor das linhas é a mesma em todas as páginas, mas as linhas desaparecem e emergem novamente através das páginas que vão de cinza para preto conforme o livro avança, um paralelo com fazer e derreter linhas de cobre na Linotipo. Um pangrama é uma frase em que são usadas todas as letras do alfabeto, sugerindo que as linhas desse livro já foram linhas de outros livros.

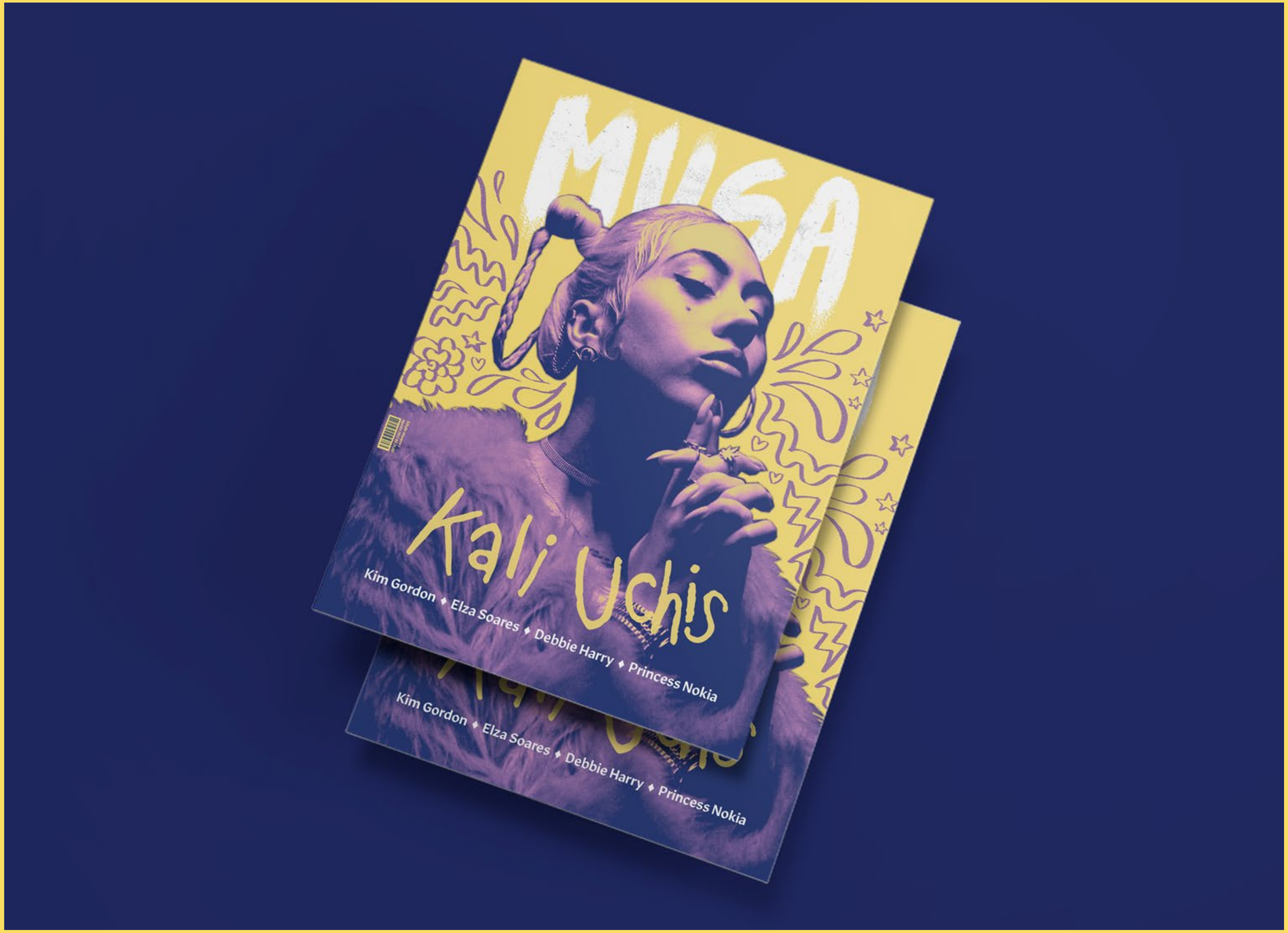
Todos os livros foram impressos, costurados e encadernados à mão através de costura japonesa.


pangramas

só existe uma linha,


uma linha igual à outra,

quantas linhas cabem em uma linha?



MUSA

UNESP (2017)

MUSA é uma revista experimental sobre produção musical feminina independente. A missão da revista MUSA é publicar conteúdo relevante sobre as mulheres na música e sua contribuição no cenário nacional e internacional, promover a música independente e incentivar a participação feminina no meio musical sem restrição de gêneros.

As musas eram as filhas de Zeus com Mnemósine, a deusa da memória, e eram entidades responsáveis pela inspiração artística e científica. Os poetas evocavam sua musa e davam todo o crédito de sua poesia a elas.

KALI UCHIS

Sem sua infância humilde em uma pequena cidade da Colômbia, Kali Uchis não estaria questionando o quão grande ela quer ser.

Estamos do lado de fora da estação Shepherd's Bush Market em Londres. Embaixo da estação de trem, entre uma série de arcos extensos de tijolos vermelhos, Kali Uchis está com a sua banda de palco num grande estúdio de ensaio. Um set de bateria está montado, junto de alguns notebooks um amplificador de baixo e suportes pra microfone – uma das paredes é coberta por um grande espelho de dança, e vários membros do grupo de apoio da Kali estão jogados pelo estúdio fazendo um intervalo.

Na noite anterior, a cantora de 22 anos estava se apresentando no Brixton Academy. Ela estava lá com alguns dos seus famosos amigos e colegas – Vince Staples, Kelela, Popcaan – tocando sua colaboração pop-ciborgue 'She's My Collar' com Gorillaz. Foi a primeira noite de sua viagem implacável até o Reino Unido. Durante os seis dias seguintes ela participará de dois shows do Gorillaz, vai fazer seu primero show em um festival britânico e tocar dois shows solo. Várias sessões de fotos, entrevistas e A bunch of radio slots estão agendados no tempo livre entre os shows.

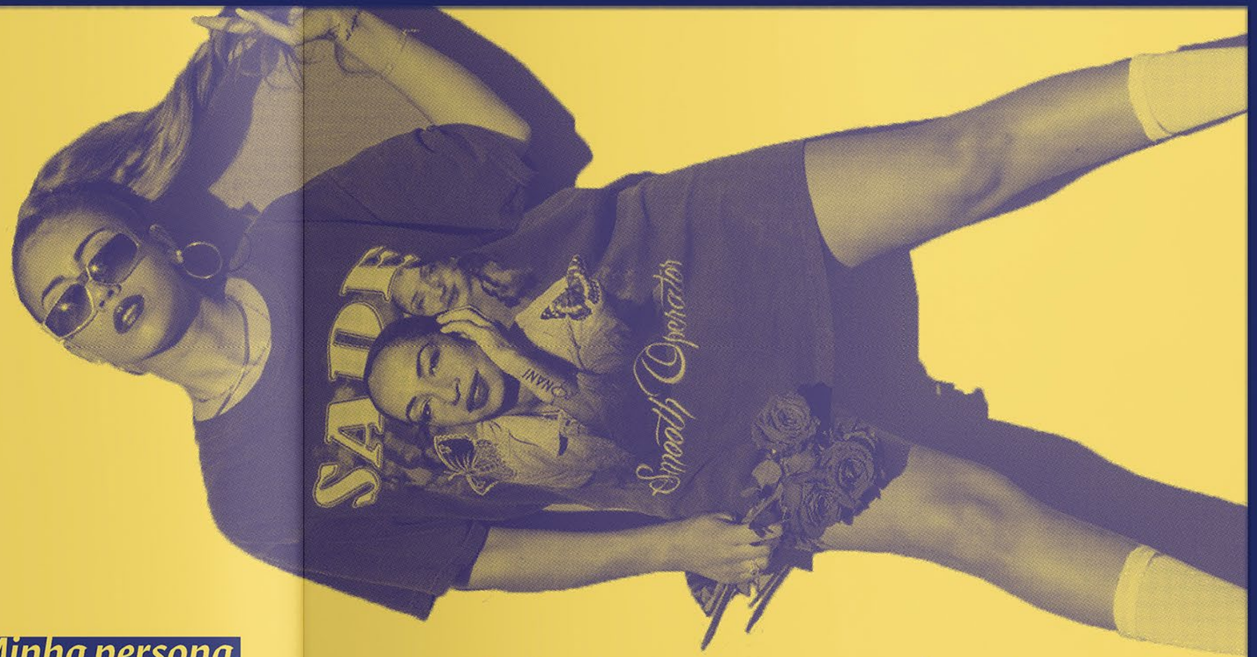
Atrás do equipamento da banda, tem uma cozinha no fundo do estúdio, um quarto estreito onde Kali, usando seus óculos escuros marrons, calças verdes de veludo e um blazer cinza risca-de-giz, abraça seus joelhos e fica encolhida em um canto do sofá.

"Ontem à noite foi legal," ela conta, bocejando por conta do jetlag. "É como os últimos dias na escola com todos os seus colegas. Vocês ficam fazendo nada, assistindo filmes e saindo por aí."

Para alguns artistas, ser escolhido pelo Gorillaz e convidado a aparecer em seu álbum (Kali aparece em duas músicas) é o tipo de trampolim em que eles pulariam. Kali, apesar disso, está tranquila. O baterias do Gorillaz ouviu sua música de 2015, 'Loner', mostrou para Damon Albarn, que foi para Nova York até o estúdio dela.

"Eu não tenho muito dessa de Oh-meu-Deus-eu-sou-uma-pessoa-famosa," ela conta. "Eu nunca me senti assim. Mesmo antes de começar a fazer música, minha persona, como qualquer ser humano, é que eu vejo todos de igual para igual. Não acho que a vida de celebridade seja real."

Apesar de ter crescido ouvindo músicas do Damon Albarn, e de admitir que a colaboração foi um momento humilde, o perfil de Kali tem crescido de qualquer forma. Sua mixtape de estreia, lançada em 2012, que ela fez em seu notebook quando tinha 18 anos, chamou a atenção de Tyler, The Creatore Snoop Dogg (ela trabalhou com os dois). Com o lança-



Minha persona, como qualquer ser humano, é que eu vejo todos de igual para igual. Não acho que a vida de celebridade seja real.

mento de seu álbum de estreia Imminet, parece uma jogada certeira para o Gorillaz que Kali Uchis apareça no seu álbum.

Pergunte à Kali Uchis sobre sua infância e notará uma dualidade sobre seu "lar". Nascida Karly Loaiza em julho de 1994, seus primeiros anos se passaram em Pereira, Colombia, uma pequena cidade nos vales dos Andes, uma viagem de cinco horas de carro da capital Bogotá.

"É uma cidade pequena. São pessoas reais", ela explica, ajeitando seus óculos de sol com uma longa unha. "Todo mundo é diferente aqui. As pessoas querem sair daqui, sonham em começar uma vida nova em outro lugar. É bem assim."

A realidade da Colômbia, ela diz, é um pouco mais diversa do que aquela retratada nas sérires de TV como Narcos ou nos vídeos da Shakira. "Lugares sempre vão ter seus estigmas. Do mesmo modo que as pessoas falam da África, e pensam em crianças morrendo de fome; quando pensam na Colômbia, só lembram da cocaína, do café e de um cara montado em um cavalo vestindo um sombrero. Nós temos muitos problemas aqui como qualquer outro país - mas progredimos muito."

Mas também existe o "lar" há 3000km de distância em Alexandria, Virginia. Kali se mudou para lá com sete anos. Em memória desse período, e de sua decisão de emigrar, ela tem a assinatura do passaporte de seu pai tatuada em seu braço. Ela se identifica tanto como colombiana quanto americana, mas admite que sua verdadeira aliança é com suas raízes latino-americanas.

A cena que ela descreve de sua casa é caótica. Uma vez assentados nos EUA, seu pai começo a realocar parentes da Colômbia. Ele gerenciava propriedades, e buscou encontrar trabalho para as pessoas como zeladores ou pedreiros.

"Nossa casa era tipo, o Primeiro Destino," Kali se lembra. "Você vinha na nossa casa, morava lá por uns dois anos até conseguir se manter e meu pai te ajudava a arrumar um emprego." Isso significa que a vida em casa para Kali não era apenas seus pais e irmãos, mas muitos tios, tias e primos embaixo do mesmo teto.

"Eu ficava em um quarto com tipo, três beliches. Todos nós dividíamos um banheiro. Era uma bagun-

Lisa Prank cria um pop punk chiclete com vibe de meu quarto, meu mundo. Sua música faz lembrar anotações sentimentais de diário, canetas gel cintilantes e presilhas de plástico, e, nos shows, ela faz covers de músicas queridas e antigas, como "Dammit", do Blink-182. Para uma viagem de volta à adolescência com tons cor-de-rosa, mas também angustiada, dê uma olhada em Crush on the World.

A CENA PUNK FEMINISTA QUE SALVA O ROCK DE SEATTLE

Dez bandas lideradas por mulheres mostram como a cena música & arte na capital do grunge está diferente graças a influência

São onze da noite de uma sexta-feira na Pine Street, no bairro Capitol Hill, em Seattle, e o quarteirão está fervilhando com gente jovem entrando e saindo de boates e bares. Um grupo de pessoas de vinte e poucos anos se congrega em volta de um pau de selfie. Elas dão risadinhas e apontam seus rostos vermelhos, suados e sorridentes na direção da câmera. Uma mulher passa por ali, oscilando em cima de seus saltos de dez centímetros enquanto se apoia um pouco no braço do namorado. Virando a esquina, um mano de fraternidade, bêbado e usando camisa polo, deixa pender desalentadamente a cabeça em um beco, e vomita as batatas que comeu há pouco no diner de preços salgados ali perto. O amigo, com um boné do Seahawks ao contrário, berra obscenidades ininteligíveis para uma mulher que passa por ali usando minissaia, cujas lantejoulas brilham na rua mal iluminada.

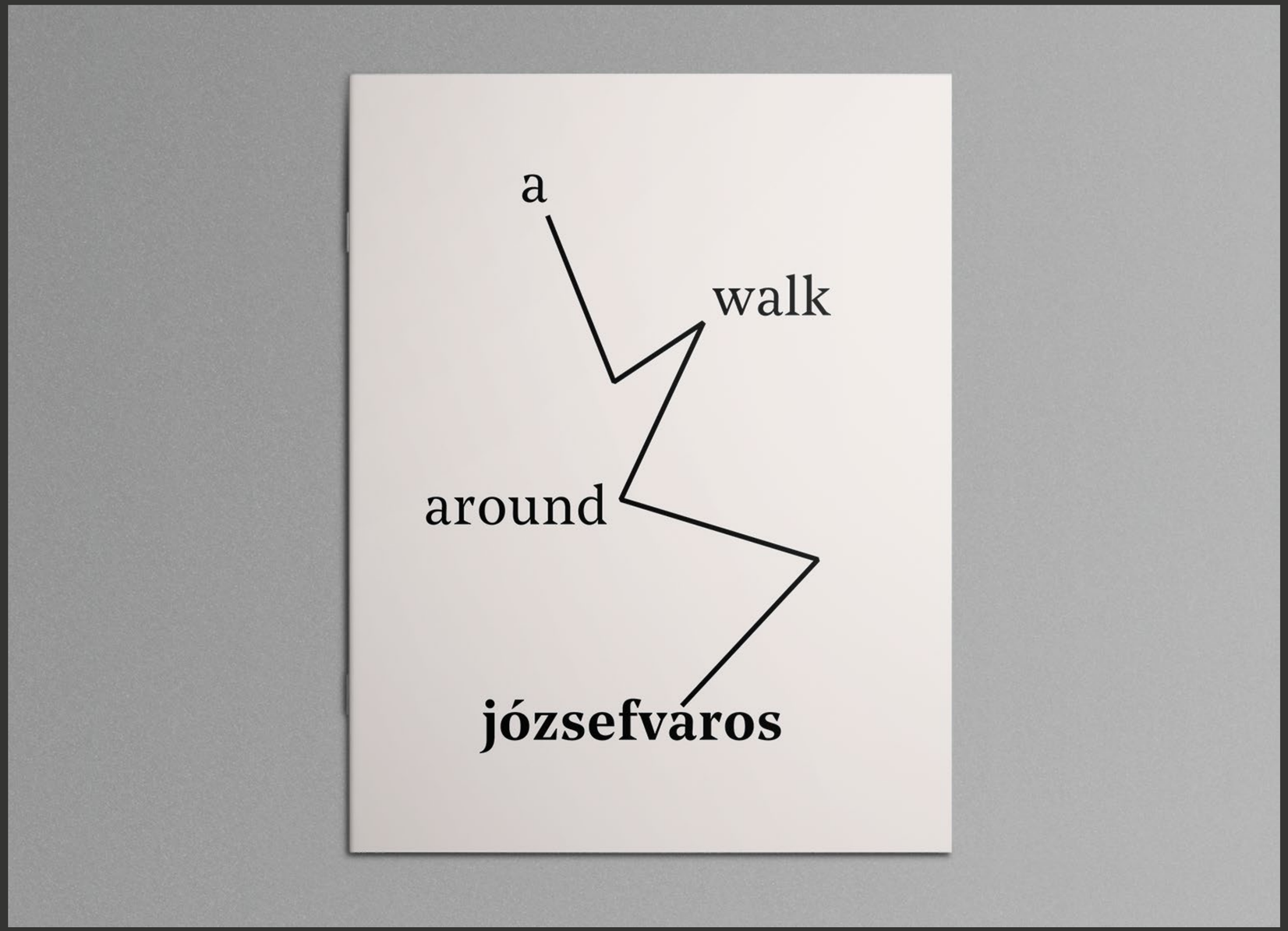
No meio desse apocalipse de bróders saturados de vodca, há esperança. Na esquina seguinte, saindo dessa zorra, está o Cockpit, um espaço de música e artes DIY queer. É um lugar mágico, embebido de místicas luzes tecnicolor,

O Chastity Belt começou no Whitman College, em Walla Walla, Washington. Após o lançamento do disco Time To Go Home em 2015, aclamado pela crítica, elas receberam atenção nacional e uma menção na New Yorker. Uma das melhores faixas de Time To Go Home é "Cool Slut", um hino pró-vadia, e embora muitas dessas músicas ainda tenham o característico senso de humor maluco do Chastity Belt, há a presença de uma nova sofisticação e tristeza.

Mating Call, de 2014, é muito feminista e puramente punk. A melhor faixa do disco é "Girl Band", na qual a vocalista principal, Rachael Ferguson, canta: "We are a girl band/Don't get it twisted/We're gonna wear you out." ("Somos uma girl band/Não entenda errado/Vamos exaurir você"). No álbum há também hinos à liberdade sexual e com presença forte do baixo como Bathwater e Reply, o punk movido a funk do NighTraiN é perfeito para uma festa cheia de dança libidinosa e caótica.

abertamente a sua inclusão, mas acaba fetichizando um ou alguns artistas de cor por causa da imagem que têm, em vez de tentar desmantelar as verdadeiras questões que estão aí. Os espaços meio que subconscientemente perpetuam a marginalização, ao só apresentar e apoiar amigos e colegas brancos que têm um trabalho 'bom' no sentido comum, mas que não demonstram um posicionamento, porque eles nunca foram oprimidos."

Elena Kuran, integrante do Mombutt, ecoa essas declarações, e acrescenta conselhos para os jovens de identidades marginalizadas que querem participar da cena de música e artes de Seattle. Ela diz: "Sou cercada por privilégios todos os dias, e participo de uma cena que em tese é uma fuga deles, mas que os perpetua. Essa é uma verdade injusta, e não vai mudar a menos que a abordemos ativamente. Como uma garota de origem em parte japonesa envolvida na cena de música e artes, isso é uma coisa da qual faço sempre questão de me lembrar." Ela dá conselho a "qualquer um que esteja pensando em se envolver na cena de música e artes, especialmente os que são de identidades marginalizadas" e os encoraja a "formar bandas com amigos que compartilhem de experiências semelhantes às suas, fazer zines sobre questões que são importantes para você, e apoiar os artistas locais, indo aos shows deles e comprando seus produtos." O mais importante, diz ela, "é não se deixar diluir por causa de ninguém."



A walk around Joszéfváros

Budapeste (2016)

A Walk Around Józsefváros é um fotozine que registra uma tarde andando pelo entorno do Distrito VIII em Budapeste.

O Distrito VIII é definido por contrastes acentuados, com uma má reputação nas áreas mais distantes do centro, que tem sido gentrificado. A renovação urbana do distrito tem sido tema de discussões; ruas e praças do século 19 foram sujeitas a grandes projetos de recuperação urbana, trazendo uma nova arquitetura e um novo olhar sobre os espaços públicos.

A capa do fotozine traça o caminho feito a pé pelo bairro, e as repetições da arquitetura se mesclam com os padrões feitos pelas lentes da câmera.

TEHERT

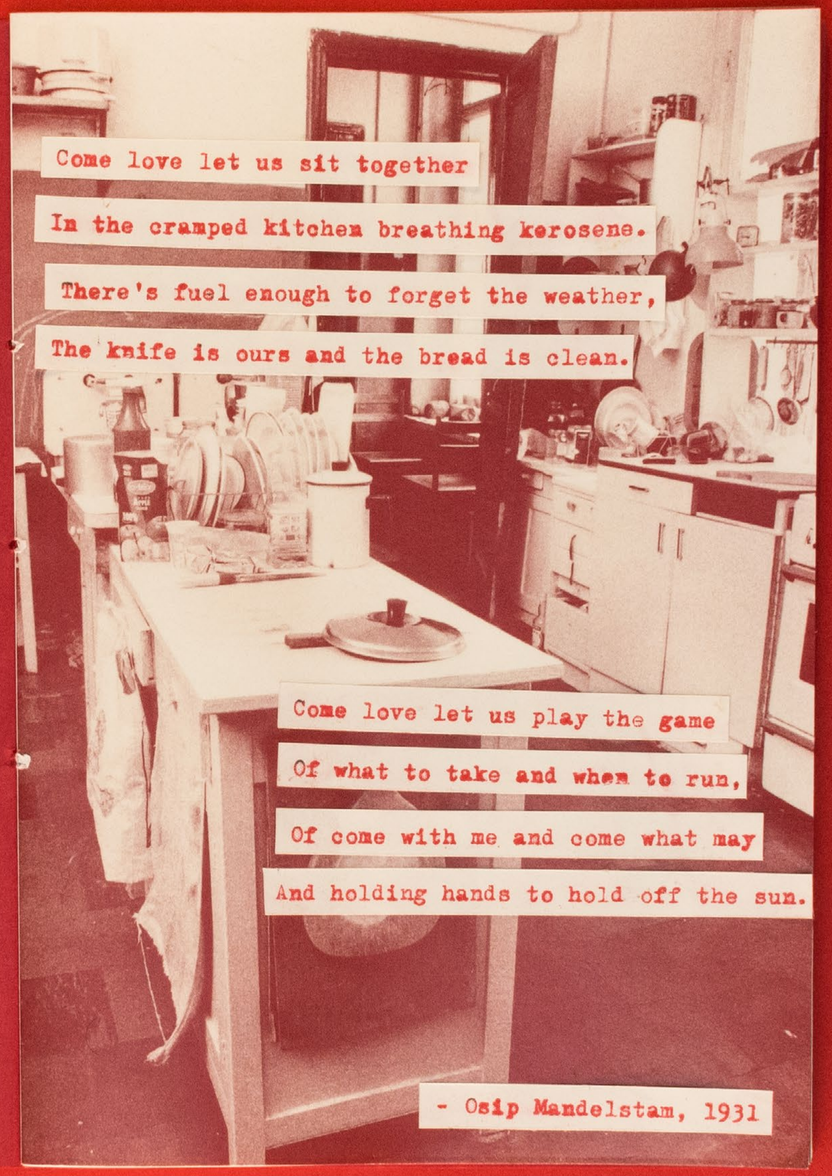
TAXI KFL
TEHERTAXI KFL

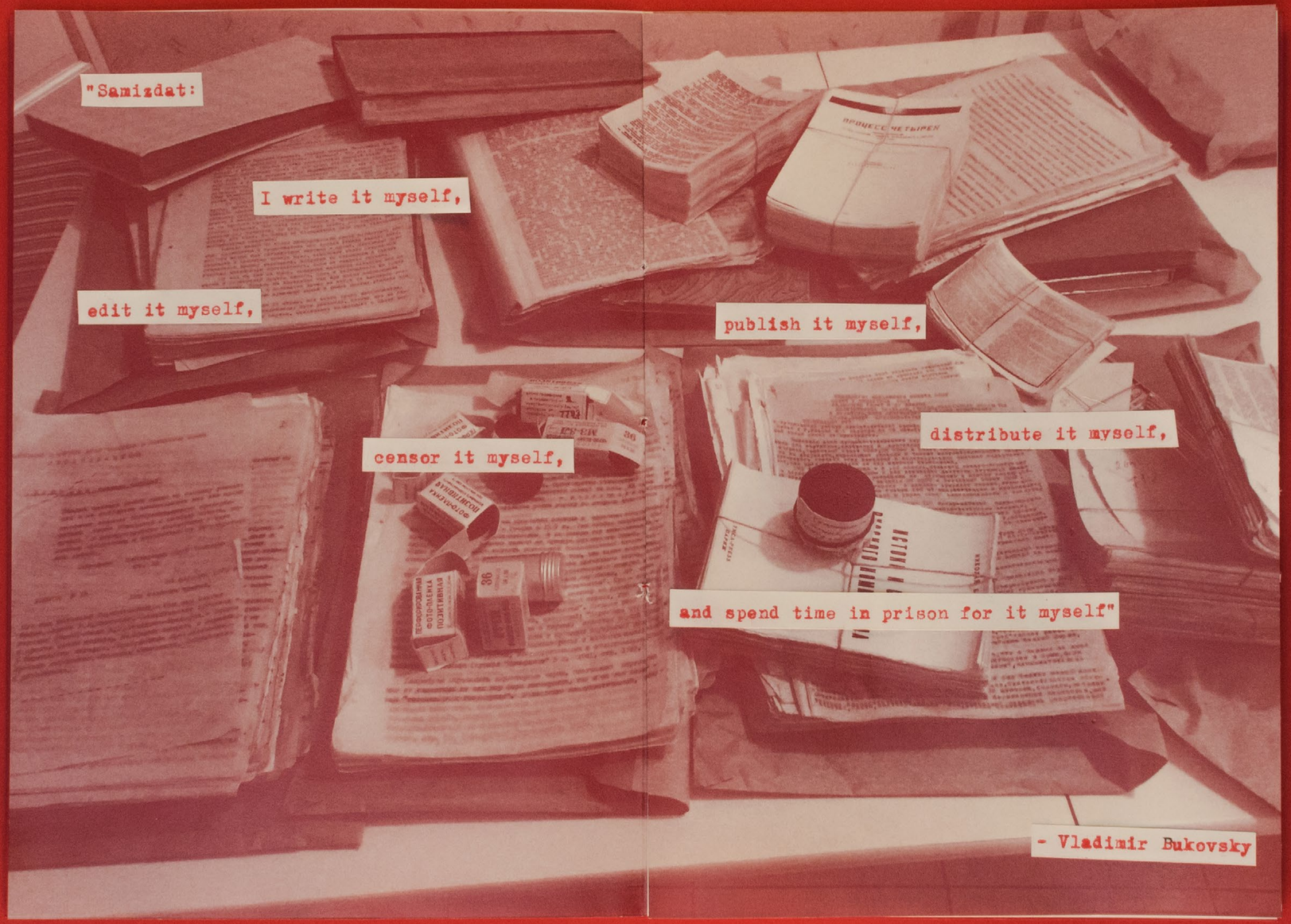
Soviet Kitchen Samizdat

Budapeste (2016)

Um samizdat (zine) sobre como as cozinhas se tornaram o local de encontros e discussões na União Soviética pós-Stalin, e sobre o samizdat, publicações clandestinas geralmente feitas em máquinas de escrever, com poucas cópias passadas de pessoa pra pessoa.

Logo após a revolução russa, a população vivia em apartamentos compartilhados. Vários apartamentos eram construídos sem cozinha, pois o ideal era que a população se alimentasse em cantinas coletivas. Quando Krushchev chegou ao poder, foram construídos prédios com apartamentos minúsculos, mas cada família tinha seu próprio apartamento com suas próprias cozinhas, onde as pessoas se reuniam para discutir e trocar samizdats.


Come love let us sit together
In the cramped kitchen breathing kerosene.
There's fuel enough to forget the weather,
The knife is ours and the bread is clean.
Come love let us play the game
Of what to take and when to run,
Of come with me and come what may
And holding hands to hold off the sun.
- Osip Mandelstam, 1931


"Samizdat:
I write it myself,
edit it myself,
publish it myself,
censor it myself,
distribute it myself,
and spend time in prison for it myself"
- Vladimir Bukovsky

Samizdat

Samizdat means I-self-publish. Under the regime censorship, much literature was forbidden and could not be published, and the kitchens became the place to exchange samizdat: newsletters, nvoels, poetry, essays. Usually people would write pages and pages using carbon paper to make some few copies that were passed from person to person.

Obrigada!

melynasouza.github.io